

**DA PALAVRA DITA À PALAVRA IMPRESSA:
OS SERMONÁRIOS «UM RIQUESSIMO TESOURO»
(SÉCULOS XVI-XVII) — ESTUDO DE CASOS**

**FROM THE SPOKEN TO THE PRINTED WORDS:
THE SERMONARIES «A VERY RICH TREASURE»
(16TH-17TH CENTURY) — CASE STUDIES**

Fernanda Maria Guedes de Campos

Universidade NOVA de Lisboa

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

fmgcampos@netcabo.pt

ORCID: 0000-0001-7509-3078

Resumo: A utilização da imprensa no período pós-Trento constituiu o processo por excelência de garantir e controlar a difusão dos princípios doutrinários do catolicismo reformado. Um elemento fundamental para assegurar a apropriação destas obras por um público-leitor diverso, mas abundante, resulta do facto de muitas serem publicações escritas em línguas vernáculas. É neste contexto que se situa a vasta produção tipográfica dos sermões. Apesar de serem, tipicamente, textos preparados para uma transmissão oral, os seus autores desejavam passar assim à posteridade e existia um público desejoso de os adquirir. Em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII, autores e impressores vão trabalhar em conjunto, contribuindo para o aumento do número de sermões impressos, consagrando normas e modelos de apresentação gráfica que permaneceram ao longo dos tempos. Neste artigo pretendemos mostrar alguns desses modelos e normas, utilizando a informação fornecida pela

análise paratextual, incluindo o rosto, a dedicatória, as licenças de impressão, os prefácios e os índices, e escolhendo, como casos de estudo, alguns sermonários. No limite, pretendemos contribuir para uma visão mais informada do que foram as compilações de sermões, organizadas pelos seus autores ou patrocinadores, as quais continham índices muito minuciosos, para facilitar a pesquisa dos conteúdos pelos prospectivos leitores e assim tornar-se úteis para outros pregadores do clero secular e regular.

Palavras-chave: pregação, sermões portugueses impressos, modelos e normas, público-leitor.

Abstract: The use of the press in the post-Trent period was the process par excellence of guaranteeing and controlling the dissemination of the doctrinal principles of Reformed Catholicism. A key element in ensuring the appropriation of these works by a diverse but abundant readership was the fact that many of them were written in vernacular languages. It is in this context that the vast typographical production of sermons is situated. Although they were typically texts prepared for oral transmission, their authors wished to pass them on to posterity and there was a public eager to acquire them. In Portugal, between the 16th and 18th centuries, authors and printers worked together, contributing to the increase in the number of printed sermons, establishing rules and models of graphic presentation that have remained over time. In this article, we intend to show some of those models and norms, using the information provided by paratextual analysis, including the title page, the dedication, the printing licenses, the prefaces and the indexes, and choosing, as case studies, some sermon collections. Ultimately, we aim to contribute to a more informed view of what sermon compilations, organized by their authors or sponsors, which contained very detailed indexes, were like, to facilitate content research by prospective readers and thus become useful for other preachers of the secular and regular clergy.

Keywords: preaching, Portuguese printed sermons, models and standards, reading public.

Introdução

No contexto religioso cristão, o sermão configura um momento único de encontro entre o pregador e a comunidade de fiéis, tendo como fim o ensino da doutrina, bem como a orientação e modelação de comportamentos e atitudes morais e sociais. Esse momento em que o padre (ou membro de uma ordem religiosa) se dirigia, em língua vernácula, à assistência, voltando-se para ela, significava a ocasião, por excelência, para transmitir uma mensagem que se pretendia simples e direta, informativa, formativa e afetiva num tempo em que não existiam muitos outros meios de divulgação, e, sobretudo, com a influência e o peso que a palavra religiosa tinha na sociedade em geral.

A consagração do papel do pregador e da utilidade do sermão reforça-se, entre os países católicos, após as determinações do Concílio de Trento (1545-1563), e a utilização da imprensa vai ser primordial na difusão das mensagens ditas. É certo que, por um lado, a imprensa já era uma ferramenta consolidada na divulgação de textos religiosos, em regra mais expressivos numericamente do que os de natureza literária, histórica, política, jurídica ou científica. Por outro lado, é naquele período e nos séculos XVII e em boa parte do XVIII, que vemos multiplicarem-se nos prelos portugueses não apenas os sermões, mas ainda outros textos da mão de religiosos seculares e regulares de carácter doutrinal e moral, como os catecismos, os manuais de confessores e obras essencialmente destinadas à formação e orientação da ação do clero. No que respeita à literatura de exemplo, visando um público mais vasto, vão surgir os guias para bem viver e bem morrer, os «espelhos» e «cartas» que estabeleciam modelos comportamentais e que se complementavam na edição de múltiplas «vidas» exemplares,¹ nos livros de devoção,

1 Sobre esta matéria v. Paula Almeida MENDES, *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos e «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*.

de meditação e de exercícios preparados para conduzir o leitor e a leitora no caminho para a perfeição.²

Os sermões impressos têm, porém, características especiais face a outras obras da divulgação religiosa contrarreformista. Trata-se, essencialmente, de textos preparados para uma transmissão oral que, ao passarem à posteridade através do recurso aos prelos, vão, por um lado, consagrar modelos de apresentação gráfica e, por outro, proporcionar modalidades de leitura e de utilidade distintas. O texto que se imprime mantém a estrutura própria da comunicação oral. Assim, «Lê-se como se ouve», pois o pregador/autor escreve na primeira pessoa, utiliza as figuras de retórica e os modelos de oratória consagrados pela Igreja (mas que remontavam aos textos da oratória clássica, nomeadamente de Cícero) e interpela o público que ouve e que lê. No limite, o sermão assenta num discurso que visa apresentar um «problema», discorrer sobre ele recorrendo a exemplos e dirimir o contraditório para, no final, apresentar a súpula da mensagem principal que se pretendia passar ao auditório, apontando-lhe as faltas que deveria evitar e o caminho virtuoso que deveria seguir. Não é por acaso que este esforço de modelação comportamental que marca a trajetória social do sermão ficou indelevelmente ligado a ditos populares, em que sermão é sinal certo de uma admoestação ou de um discurso muito longo.³

Por sua vez, o sermão impresso apresenta-se ao leitor com um aparato crítico que inclui, em glosas marginais, a identificação das fontes utilizadas e uma composição gráfica que os paratextos⁴

Porto, CITCEM, 2017.

2 Sobre esta matéria v. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.

3 Cf. Jean CROIZAT-VIALLET, “Cómo se escribían los sermones en el Siglo de Oro: apuntamientos en algunas homilías de la Circuncisión de Nuestro Señor”: *Criticón* 84-85 (2002), pp. 101-122.

4 Na categorização de «paratextos» seguimos Gérard GENETTE, *Paratextos editoriais*. S. Paulo, Ateliê Editorial, 2009, que neles inclui o aparato que acompanha o texto de

ilustram, onde surgem elementos que a oralidade não comportava. Assim, no rosto o autor identifica-se com um currículo mais ou menos extenso, com o objetivo de obter o reconhecimento das suas qualificações por parte dos leitores. O título revela muitas vezes a circunstância em que se pregou o sermão. A menção do eventual mecenas que torna possível a edição pode constar no rosto para conferir estatuto ao sermão, sendo que, não raro, pode constar em dedicatória autónoma, subscrita pelo pregador. Nos casos que escolhemos, os sermonários, ou seja, as compilações de sermões, procuraremos apresentar as circunstâncias que rodeiam a edição através da análise dos paratextos. Para além dos óbvios rosto, dedicatória (optativa) e licenças comuns a todas as obras que se imprimiam, neles se inclui um conjunto de índices minuciosos sobre o conteúdo dos sermões. Veremos que se trata de uma verdadeira «norma» que todos os autores e impressores utilizam, embora permitisse alguma liberdade e invenção que vemos plasmada em diferentes abordagens da apresentação gráfica. Assim se marcava a identidade da obra e, ao mesmo tempo, se influenciava, num meio de tanta competição, a escolha da obra por parte dos potenciais leitores.

O sermão e o seu contexto

Tendo em conta que entre os séculos XVII e XVIII se editaram em Portugal mais de um milhar de sermões individuais ou incluídos em coletâneas⁵ e que muitos mereceram reedições

uma obra como a folha de rosto, o prefácio, a dedicatória, mas também as licenças, os privilégios e ainda as citações, os poemas e as gravuras, notas marginais e de rodapé, etc. A sua análise permite entender o texto em relação com a estrutura envolvente, dando-lhe sentido e tornando evidente as circunstâncias de quem o escreveu e deu à estampa, e perspetivando a sua receção e consumo.

5 A propósito dos sermões, sua conceção e contextos, são especialmente relevantes as obras de João Francisco MARQUES, “Pregação”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *História religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. II, pp. 393-417 e João Francisco MARQUES, “Oratória sacra ou Parenética”, in Carlos

(não raro contrafeitas...), estamos, sem dúvida, na presença do género que mais dinamizou a atividade tipográfica portuguesa, especialmente no século XVII e ainda no século XVIII, com novas influências vindas sobretudo de França. Especialmente ativa em tempos mais difíceis, a impressão de sermões acompanha a vivência da sociedade. É o caso, por exemplo, dos designados «sermões da Restauração»,⁶ que serviram, de forma inequívoca, o movimento de legitimação da dinastia de Bragança. Não esqueçamos também que, para além dos sermões saídos do génio dos nossos pregadores e dos prelos portugueses, circulavam no país muitos sermões impressos em Espanha, os quais vieram a ser, progressivamente, substituídos pela sermonária francesa, mais expressiva nos finais do século XVII e ao longo do século XVIII, mantendo-se sempre uma presença mais discreta dos sermões italianos.

Para justificar este sucesso editorial (aliás não específico de Portugal, antes documentável também em outros países) temos de compreender melhor o contexto e as circunstâncias que rodeiam o ato de pregar, colocando em evidência a figura do pregador e a existência de um público-alvo que ouvia/comprava o sermão.

Com efeito, na organização da Igreja cristã sobressai a função prosélita do clero e o uso da oratória para converter os povos, consolidar o ideário dos crentes, a fim de evitar desvios e combater heresias, ao mesmo tempo que se procurava guiar os cristãos, de forma sistemática, estabelecendo normas e boas práticas tendentes à salvação da alma e à ordem social.

A pregação e, conseqüentemente, o pregador cumpriam uma função ímpar no contexto religioso, pois o sermão era o único

Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *Dicionário da História religiosa em Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, vol. IV-Apêndices, pp. 470-510.

⁶ V. a este propósito as obras de João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto, Centro de História da Universidade, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986 e *A parenética portuguesa e a Restauração, 1640-1668: a revolta e a mentalidade*. 2.^a ed. Lisboa, IN-CM, 2010.

momento em que, como antes dissemos, o sacerdote comunicava em língua vernácula, o que tornava o seu discurso e a sua mensagem entendíveis por todos os que o escutavam.

Quanto ao modo de pregar, diz-nos Antonio Castillo Gómez:⁷

Una vez en el púlpito, ante los feligreses, la predicación representa una auténtica *performance*. Un acto sustancialmente oral con muchos elementos teatrales orientados a la movilización piadosa del auditorio. Enseñar, deleitar y mover eran los tres pilares que sustentaban la arquitectura del sermón barroco. Éste, en efecto, estaba pensado para instruir deleitando y con la suficiente capacidad persuasiva como para que los oyentes sintieran en carne propia los consejos, advertencias y recomendaciones expuestas por el predicador.

Na verdade, as manifestações de oratória sacra decorriam de acordo com duas linhas temporais, a ordinária e a extraordinária. Afirma João Francisco Marques:⁸

a existência de uma *pregação ordinária*, confinada, no calendário litúrgico, é própria do tempo desde o Advento ao último domingo depois do Pentecostes, com as celebrações dos mistérios de Cristo e da Virgem, e as festas obrigatórias do santoral, em dia fixo, no decorrer do ano; e a *pregação extraordinária* de sermões ltuosos, gratulatórios, deprecatórios, penitenciais e outros.

De conteúdo doutrinário, panegírico, moralista e apologético, os sermões pontificam em todas as ocasiões relevantes, quer no âmbito religioso, como as canonizações, entradas em religião,

7 Antonio CASTILLO GÓMEZ, “El taller del predicador: lectura y escritura en el sermón barroco”: *Via Spiritus* 11 (2004), p. 7.

8 João Francisco MARQUES, “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos: a pregação seiscentista do *Domingo das Verdades*”: *Via Spiritus* 11 (2004), p. 111.

consagração de igrejas, procissões e devoções várias quer no âmbito sociopolítico, por exemplo, por ocasião de aniversários, casamentos, nascimentos, em ação de graças por motivos diversos, como sucessos bélicos, recuperação de saúde, salvação de naufrágios, fenómenos meteorológicos dominados, eliminação de pestes, enfim, como remata aquele autor: «O catequético e o ascético, o emotivo e o ético constituem os mares em que navega esta pregação barroca, a partir de Trento normativamente pautada ou, ao menos, recomendada.»⁹

Fosse ordinária ou extraordinária, a pregação na igreja era o momento que os fiéis esperavam, ainda que nem sempre o sermão satisfizesse quem o fora ouvir. Socialmente, a audiência era heterogênea quando decorria em templo aberto ao público e abrangia do fidalgo ao magistrado, do eclesiástico ao burguês e ainda a criadagem, os membros do povo em geral e também os escravos. De notar que, entre o público, se registava uma expressiva assistência feminina.

Naturalmente, a primeira questão que se levanta quando se intenta estudar a produção tipográfica dos sermões tem a ver com a constatação da existência de um público interessado na sua leitura a ponto de justificar a grande produção e circulação deste género de impressos. Podemos considerar, num primeiro momento, que seriam aqueles que, tendo assistido à pregação, queriam guardar a memória das palavras ditas através das palavras escritas. O contrário também sucederia, isto é, na impossibilidade de se ter assistido a determinada prédica, ficava o impresso a suprir essa falta. Pela sua singularidade na transmissão de uma mensagem a um público ouvinte, o sermão tornava-se «um instrumento de utilidade catequética ou política» especialmente em épocas conturbadas: «e era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em

⁹ J. F. MARQUES, “O púlpito barroco...”, op. cit., p. 112.

ser publicado, pois assim chegava também aos que o não tinham ouvido. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objeto de discussão por parte dos leitores cultos». ¹⁰

Existia, porém, um outro tipo de leitores atentos e fiéis: os próprios membros do clero regular e secular que habitualmente pregavam e que, através da leitura dos sermões impressos, obtinham inspiração (quando não mesmo cópia...) para futuros atos predicativos. Leriam, sem dúvida, muitos sermões editados individualmente, e os fundos das bibliotecas de conventos e mosteiros mostram-nos, quer nos catálogos que neles se prepararam quer em exemplares que estão hoje em bibliotecas patrimoniais, a forma como foram colecionados em miscelâneas organizadas principalmente por assuntos, datas ou origem do autor e editor. ¹¹

Para além da edição individual, prepararam-se compilações de sermões pregados ou de «letra morta» (como adiante vamos apresentar) que podiam ser organizadas pelo próprio pregador ou por um diligente editor, com um aparato gráfico que comportava, normalmente, um conjunto de índices muito minuciosos e, não raro, o recurso a imagens. O sermonário, enquanto modelo, alcançou grande êxito editorial não apenas nos países de matriz católica, mas também nos protestantes. O nome do autor e a sua fama no púlpito originavam múltiplas edições para satisfazer um mercado que ainda era significativo no século XIX. Por outro lado, a regularidade da prédica ordinária e a tipificação da extraordinária, garantiam uma linha temporal contínua e relativamente imutável que muito facilitava a produção destas úteis edições.

10 Cf. Isabel Drummond BRAGA, “Entre religião, ciência e política: a parénese seiscentista de Fr. Amador da Conceição”: *Revista Territórios & Fronteiras* 9.1 (jan.-jun. 2016), pp. 131-146.

11 Cf. Fernanda Maria Guedes de CAMPOS, *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015, pp. 253-255.

Na análise dos casos que se seguem, procuraremos ilustrar a funcionalidade exemplar do sermão enquanto lição e inspiração para futuras prédicas de leitores/pregadores. Nos exemplos escolhidos, entre os séculos XVI e XVII, podemos também revelar alguns contextos que facilitaram a passagem do manuscrito ao impresso e, com recurso aos paratextos, apresentar aspetos da conceção gráfica no seu aparato editorial e na organização dos conteúdos.

Os sermonários «de letra morta»: instruir o pregador, formar o público

Como atrás referimos, as determinações tridentinas obrigaram a uma mudança de paradigma no respeitante à catequética e à pregação enquanto formas, por excelência, da comunicação da doutrina católica. Na senda do Concílio, onde aliás participou o arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), da Ordem dos Pregadores, juntamente com outros confrades como Frei Luís de Granada (1505-1588), protagonizou um vasto e consolidado programa no domínio da doutrinação e da pregação que abriu caminho ao movimento editorial deste tipo de obras. Nelas se incluíam escritos próprios ou em tradução que se destinavam à preparação do clero, matéria onde avultou Frei Luís de Granada, especialmente no tocante à formação do pregador e à forma como devia exercer o seu múnus, para ensinar a doutrina e modelar comportamentos. Essas obras conheceram grande divulgação editorial, principalmente em Portugal e Espanha.¹²

Em 1559, não tendo ainda terminado os trabalhos conciliares, já Frei Luís de Granada promovia a edição de um *Compendio de doctrina christãa recopilado de diuersos autores que desta*

12 V. a propósito Alfonso MARTIN-JIMÉNEZ, “La retórica clásica al servicio de la predicación: *los seis libros de la retórica eclesiástica* de Fray Luis de Granada”, in Isabel PARAÍSO (coord.), *Retóricas y poéticas españolas (siglos XVI-XIX)*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2000, pp. 11-46.

materia escreuerão[...] Acrescentarãose ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo autor. Saiu dos prelos de «Joannes Blavio de Agripina Colonia, Impressor delrey nosso senhor» e, como se lê no rosto, terminava com uma seleção de treze sermões.¹³ A colação da obra revela que esse «acrescento» tem rosto, assinaturas, pé de imprensa e foliação próprios. Não foi intenção editorial que tivesse autonomia, antes se procurou conciliar a importância do conhecimento da doutrina cristã com a prática formativa e informativa que se atribuía à prédica.¹⁴

A composição do rosto dos Sermões inclui uma componente iconográfica onde se distinguem, em cercadura, pequenas imagens dos mais conhecidos santos da Igreja, com seus atributos, estando os evangelistas a enquadrar, lateralmente, o título, a menção de autoria e o pé de imprensa. Quanto à intenção editorial, diz-nos Frei Luís de Granada, na Dedicatória «Ao christam leitor», que escolheu escrever pequenos sermões relativos à celebração das principais festas do ano litúrgico, reconhecendo que, na inexistência «comumente» de sermão nas celebrações dominicais e de festas específicas, serviria este livro «pera que aa falta da voz viva servisse a letra morta que, todavia, podia obrar algũa coisa nos corações dos piadosos ouvintes» (f. [2]). Estamos perante um público-alvo indistinto, constituído por cristãos leitores e piedosos ouvintes e, conquanto sejam sermões, o autor preparou-os de forma simples para não demorar mais de meia hora, e verifica-se, ao examiná-los, que não contêm, por exemplo, citações apenas em latim, pois a intenção é a «edificaçam & proveyto da gente sem letras» (*ibid*).

13 O exemplar consultado tem a cota BNP. RES. 173 V. Disponível em <<http://purl.pt/14808>> (última consulta: 2021.10.20).

14 V. a propósito o estudo de Maria Idalina Resina RODRIGUES, “Frei Luís de Granada: sermões para o povo português”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 27-44.

Mais esclarece o autor que

nam se teve respyto a fazer sermões fundados,¹⁵ se nam devotos & doctrinaes quaes cõvinha q. fossem pera este proposito. E assí nam totalas vezes levã themas, nem prosseguem hũa mesma materia: senã vam apontadas algũas cousas spirituaes & devotas em q. possam occupar seu pensamento aquelle dia os Christãos fiees (*ibid*).

O foco está, pois, nos destinatários, e a forma de comunicar não é mencionada como pregação, até pela simplicidade expositiva que caracteriza a escrita, mas sim como leitura. No limite, o livro podia vir a interessar os membros do clero, obviamente, sobretudo os menos instruídos e mais isolados, mas parece evidente que Granada alargava a utilidade dos seus sermões «de letra morta», evidenciando o poder que advinha da sua leitura e mitigando a necessidade da comunicação oral formal. De notar, ainda, o «Privilegio Real» obtido para esta obra pelo prazo de dez anos e que vem indicado no rosto.

Na publicação do *Cathecismo ou doutrina christã & praticas spirituaes[...] pera se ler nas parrochias deste nosso Arcebispado onde não ha pregacam*, editado em Braga, «por Antonio de Maris», em 1564,¹⁶ D. Frei Bartolomeu dos Mártires segue idêntica metodologia, se bem que o público-alvo sejam os párocos do seu Arcebispado, conforme podemos ler na transcrição do rosto da obra. Procura, na generalidade, mitigar os danos causados pela falta de conhecimentos e até pelo desinteresse dos párocos, acudindo com um conjunto de leituras que lhes permitiriam exercer o seu ofício

15 Entenda-se: sem citações e aparato crítico nas glosas ou no texto.

16 O exemplar consultado tem a cota BNP. RES. 965 P. Disponível em <<https://purl.pt/23030>> (última consulta: 2021.10.20).

com a dignidade e competência necessárias.¹⁷ O livro dividia-se em duas partes, na primeira constava a doutrina cristã, explicando o autor, no «Proêmio», que a forma como a apresentava era «pera se dizer aa gente popular, pera os trazer a algum conhecimento & amor de Deus. E por isso nam quis multiplicar autoridades, nem trazer doutrinas de Theologia escuras & difficiles de entender, somente escolhi aquillo que me pareceo mais conueniente a este proposito» (f. [5v-6]).

Na segunda parte, onde se seguem os mesmos princípios de simplicidade, dá-nos D. Frei Bartolomeu dos Mártires um minucioso conjunto de práticas doutriniais e espirituais, avultando nelas os sermões para se dizerem em determinadas missas e festas. Inicia-se na f. [CXIII], mas não tem rosto com pé de imprensa próprio nem foliação autónoma, como na obra de Frei Luís de Granada que vimos antes. Porém, a matéria desta segunda parte tem uma página de título ilustrada com duas pequenas xilogravuras, uma representando Cristo crucificado entre a Virgem Maria e S. João Evangelista, e outra com a Virgem e Jesus ao colo. Dentro de uma cercadura de decoração vegetalista, lembrando as que se usavam nos livros manuscritos iluminados, lê-se o seguinte título: *Libro segundo no qual se cõtthê hūas breues colações espirituais & practicas doutrinaes q. os Rectores & capellães das parochias hão de leer aos seus fregueses na estaçam ã algūs domingos & festas principaes. E a doutrina Christaã do primeyro Livro, se leraa nos domingos ou festas pera as quaes nã se achar neste livro particular sermão.*

Colaçoão ou sermão simplificado, D. Frei Bartolomeu dos Mártires que, no Proêmio, já descrevera a situação de ignorância e,

17 V. a propósito David Sampaio BARBOSA, “Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582)”: *Lusitania Sacra* 2.^a S., 23 (2011), pp. 59-76.

sobretudo, desinteresse em que encontrara o clero do seu arcebispado, antecipa-lhes a reação quando afirma:

E os Rectores & Capellães nã leterados, não se escusem dizendo que nam sabem declarar ao povo a doutrina que a Igreja traz na Missa: porque lendo elles ao povo em cada domingo & festa o sermanzinho & santa practica que pera tal dia aqui vay escrita, comprirão com sua obrigaçam & o povo ficará consolado & edificado. (f. [6-6v]).

Mais uma vez se verifica a circunstância de os sermões dados à estampa nesta obra não terem sido previamente «ouvidos». São protótipos escolhidos para corrigir, ensinar e deleitar os prospectivos destinatários, evitando os erros de uma deficiente (quando não inexistente) pregação. A obra teve muito boa recepção e registou várias edições, mas é evidente que nunca saberemos se os sermões foram verdadeiramente pregados ou se, na melhor das hipóteses, serviram de inspiração a escritos próprios.

Os sermões pregados e impressos em coletânea — um estudo de casos

Os sermonários ou compilação de sermões que foram pregados e que a passagem à imprensa consagrou revelam-se, igualmente, como uma fonte de conhecimentos, instrução e inspiração para outros pregadores. Numa atividade de matriz quotidiana e espalhada por todo o território, inclusive o ultramarino, a procura devia ser muita e a oferta, respaldada pela qualidade do pregador, intentava suprir essa necessidade. Vejamos os casos:

Frei João de Ceita (1578-1633), OFM PA

De entre os exemplos que explicitam a relevância dos sermões impressos para o público-alvo constituído pelos pregadores,

referimos uma compilação de sermões da autoria de Frei João de Ceita, Franciscano da Província dos Algarves, com vasta obra predicativa publicada, alguma até traduzida e editada em Espanha. Nascido em Lisboa, foi Guardião do colégio de Coimbra da sua Província e confessor do bispo de Évora D. José de Melo. A sua obra, como diz Barbosa Machado, «mereceo universaes aplausos ou fosse pela multiplicidade de textos com que exornava os seus discursos ou pela veemente energia com que os representava e proferia».¹⁸ De entre as coletâneas que editou, escolhemos os *Sermões das festas da Virgem Santissima*, e de *Christo Senhor Nosso: com oito do Sacramento, & de algũs Santos, & oito de diffuntos* [...], que foi editada em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck, no ano de 1634.¹⁹ O autor morrera em 1633, e a compilação e revisão dos textos manuscritos foi ordenada pela sua Província, atendendo ao mérito que se lhes atribuía e, nas palavras do Provincial que assina a Licença da Ordem, porque «a muitos Padres desta prouincia pareceo que pera proueito commum dos Prêgadores era bem que se imprimissem» e, deste modo, se promovia o processo editorial, «dando o favor e a ajuda compativeis» (f. [2v]) com os recursos disponíveis e incluindo na obra quer sermões que haviam sido publicados individualmente quer outros de muita importância que, apesar de pregados, não tinham sido dados à estampa. Já na Aprovação da Ordem a coletânea era referida como um «riquissimo thesouro» [f. 2].

Esta situação fazia sentido, pois as Ordens eram organizações interessadas na promoção dos seus pregadores, quer pelas esmolas que auferiam pelo seu trabalho quer pela grande competição entre institutos religiosos e suas instituições,

18 Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...* Lisboa Occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, vol. II, pp. 634-635.

19 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 5452 P. Disponível em <<http://purl.pt/21958>> (última consulta: 2021.10.23).

no acesso a outros púlpitos que não os das suas próprias igrejas. Neste caso, celebrava-se um pregador muito conhecido e com obra publicada, situação de que nos apercebemos quando no «Prologo ao Leytor» se afirma:

[...] saem a lume estes 39 [sermões] a rogos de curiosos & sendo aceitos do modo com que o author foy publicandoos: em gratificação iraõ outros de muyta importancia que se ficão continuando; onde se deixa bẽ ver o talento que teve de Deos pera as letras & pulpito, em que estas duas cousas andaraõ tanto a enveja, que não pode prègar sem mostrarse tam letrado, nem ler sem parecer prègador (f. [5v]).

A obra é dedicada a Santo António, representado em gravura no rosto, e o nome do autor aparece, como era de estilo, acompanhado de um resumo curricular. Após as Licenças, o Prólogo e a Dedicatória, figuram ainda dois sonetos dedicados ao autor escritos «por hum religioso Prègador da mesma Ordem» (f. [8-8v]).

Os sermonários não consistiam apenas num conjunto de sermões; o trabalho editorial pressupunha a preparação de índices, esses sim verdadeiros auxiliares de pesquisa para os leitores/pregadores encontrarem os conteúdos mais adequados às suas pregações. A estrutura típica compreende dois índices, para além do índice geral ou Tabuada que remete para a página ou fólio de início de cada sermão. São eles o «Index» para os «lugares da Sagrada Escritura», que agregava as citações dela retiradas e se apresentava organizado de acordo com os diversos livros que compunham as Escrituras, começando, naturalmente, pelo «Génesis», e remetendo para o número do sermão e respetiva página ou fólio. O outro «Index» apresentava os «conceitos» ou «cousas mais notáveis» indicados por ordem alfabética e que abrangiam também nomes de personagens e de santos. É variada a forma de apresentar este índice, mas o esquema de

indexação procura ser muito fino, proporcionando, a quem buscava determinado assunto, uma explicação detalhada sobre as diversas situações em que o tema ou a figura ocorriam no discurso e, naturalmente, remetendo para o sermão ou sermões em que se encontrava(m), sempre também com indicação da respetiva página ou fólho.

Padre Francisco do Amaral (1593-1647), SJ

O Padre Francisco do Amaral nasceu em Lisboa, de família nobre, e entrou na Companhia de Jesus em 1608. Foi professor nos colégios de Évora e Lisboa, tendo também dirigido o colégio e seminário de S. Patrício de Jesuítas Irlandeses, bem como os colégios de Braga e Lisboa. Faleceu na capital quando era reitor do colégio de Santo Antão. Figura destacada dentro da Companhia, senhor de avultada herança que, de acordo com Barbosa Machado,²⁰ terá aplicado em obras piedosas, organizou e mandou dar à estampa a coletânea intitulada *Primeiro tomo dos sermoens do PM Francisco d'Amaral*, editada em Braga, por Gonçalo de Basto, em 1641.²¹ O rosto é inteiramente constituído por uma gravura aberta a buril por Agostinho Soares Floriano (fl. 1619-1642), onde se vê Santo Inácio de Loyola abençoando três padres jesuítas ajoelhados, a quem oferece um livro. O título e a apresentação curricular do autor constam, de forma discreta e em letra cursiva, no topo da página, reconhecendo-se que era, ao tempo, reitor do colégio de Braga «& Lente q. foy de Prima de Teologia em Lisboa, &c, &c». Foi o único tomo que publicou, ainda que refira no prólogo «Ao pio leitor» ter outro em preparação e

20 D. B. MACHADO, op. cit., vol. II, p. 103.

21 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 14343 V. Disponível em <<http://purl.pt/14059>> (última consulta 2021.11.06).

pretender editar um terceiro, caso o primeiro agradasse e houvesse saúde para o fazer (f. [4]).

Trata-se de um volume *in 2º*, com mais de 500 páginas, concebido com grande aparato gráfico, onde se destaca a gravura que preenche toda a folha de rosto e uma disposição do texto na página dentro de esquadria. Constitui um modelo original dentro da produção dos sermonários, demonstrativo das capacidades financeiras do seu autor, mas, ao mesmo tempo, mantendo na gravura e no texto dedicado a Santo Inácio de Loyola a fidelidade ao seu estatuto de religioso da Companhia de Jesus.

Nas licenças destacamos o reconhecimento por parte de alguns censores de que era obra «mui Proveitosa aos pregadores & ao povo christão» (f. [2v]). Quanto à organização da obra, segue-se ao prólogo um «Cathalogo dos Sermoes» (f. [5]), nome que deu ao índice geral. Conforme explicado no prólogo, neste volume o autor incluiu os sermões consagrados a «todas as festas de Christo; do Spirito Santo; da Santissima Trindade; da vida de Nossa Senhora; dos Apostolos; de S. Joseph: do Baptista; dos Anjos & de todos os Santos» (f. [4v]). No «Cathalogo» apenas se refere o nome do sermão e a página onde se encontra, sem qualquer resumo ou breve indicativo do conteúdo. No final estão o «Index locorum Sacrae Scriptura quae in hoc volumine continentur» (pp. 532-543) e o «Index das cousas mais notaveis que neste volume se contem» (pp. 544-556), ambos a duas colunas.

Frei Simão da Graça (1600-1682), OESA

Frei Simão da Graça, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, nasceu em Ciudad Rodrigo, mas de pais portugueses, e daí viajou para o Oriente, tendo entrado na Ordem no convento de Nossa Senhora da Graça, em Goa, em 1621. Desempenhou vários cargos, inclusive de Reitor do colégio e de Prior daquele convento e

destacou-se pela sua atividade predicativa, que o levou a outros lugares da Índia. Faleceu em Goa sem nunca ter vindo a Portugal.²²

A compilação intitula-se *Panegiricos em as festas de varios santos / pregados pello P. Presentado Fr. Simão da Graça religioso do Patriarcha S. Augustinho da Congregaçam da India Oriental: dedicados ao muito R.P. Presentado Fr. Ioseph Sotto Mayor, Cõmissario géral da nossa Provincia de Portugal, & desta Congregaçam da India* e foi publicada em Lisboa, por João da Costa, no ano de 1672.²³ A organização é muito original: contém 13 sermões, mas todos com rosto, ornato tipográfico e pé de imprensa próprios, sempre do mesmo editor e com a mesma data de 1672, como se a compilação fosse uma miscelânea de impressos autónomos. Os Índices no início reportam-se ao conjunto, identificando as «couzas mais notaveis» e os «lugares da Sagrada Escritura» de acordo com a paginação, que é contínua, apesar da aparente individualidade dos sermões. O apoio da Ordem, que já tínhamos visto no caso de Frei João de Ceita, terá ditado as oportunidades de dar à estampa os sermões, que pregara como se deduz na Dedicatória feita por Frei Simão da Graça ao mais importante responsável dos Agostinhos em Portugal e na Índia, o Padre presentado Frei José de Sottomayor:

He costume antigo de todos os que cõpoem fazerem grandes Panegyricos das qualidades & virtudes em que resplandecem os sojeitos a quem dedicam suas obras [...] O que digo he, que vai este meu primeiro tomo dos Sanctos buscar a melhor sombra, & o mayor emparo em hum sotto mayor ou hum mayor sotto. Se minha fortuna alcançar de V.P. a que o

22 Cf. D. B. MACHADO, op. cit., vol. III, p. 717.

23 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 15109 P. Disponível em <<https://purl.pt/30323>> (última consulta 2021.11.04).

emparo, ja d'aqui prometo grandes felicidades aos mais tomos em que fico trabalhando & que espero acabar [...] (f. [2-2v]).

Relevado o trocadilho do nome, prática retórica muito comum à época, vemos que o autor não só pretende o apoio para o manuscrito que envia, mas também antevê que o mesmo apoio possa existir para os futuros volumes em que, como diz, estava trabalhando. O processo foi moroso, pois a Dedicatória está datada de 4 de janeiro de 1668, as datas das Licenças são apenas de 1671, a primeira do mês de maio e assinada pelo então Provincial, Frei João de Sahagun, que substituíra o dedicatário, e as últimas licenças relativas ao «Pode correr», já datam de dezembro.

Neste exemplo pretendemos chamar a atenção para o procedimento editorial quando o pregador estava distante. Comportava prazos muito grandes que, nem por isso, impediram que os sermões viessem a ser dados à estampa. Conhecem-se muitos pregados no Brasil que foram editados em Portugal,²⁴ evidentemente com atraso, ainda que não tão grande como acontecia com os que vinham da Índia. Por outro lado, dar um sermão com uma ou duas dezenas de páginas para imprimir não era, de forma alguma, o mesmo que sucedia com as compilações, de maior complexidade na preparação e requerendo cuidados específicos na impressão.

Antônio Lopes Cabral (1634-1698), OMCristo

A coletânea que vamos ver de seguida tem o título de *Pancarpia ou capella florida, matizada & odorifera: tecida com dezoito sermões diferentes & intitulados: guarneçada com flores panegyricas, moraes*

²⁴ Cf. Maria Renata da Cruz DURAN, *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados, 1656-1864*. Niterói, Ed. Universidade Federal Fluminense, 2012.

*& metaphoricas dedicada ao Taumaturgo Lusitano S. Antonio.*²⁵ Foi organizada por António Lopes Cabral (1634-1698), que escreveu e pregou os sermões que nela constam, e editada em Lisboa por Miguel Deslandes no ano de 1694. De acordo com Barbosa Machado,²⁶ este autor, hoje caído no esquecimento, nascera na capital e fora Freire da Ordem Militar de Cristo, membro ativo da Academia dos Singulares, se bem que o seu nome tenha ficado mais ligado à Capela Real, onde serviu como Capelão, Cantor e Mestre de Canto, nos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II. O seu currículo vem, aliás, enunciado no rosto da obra. Deixou várias obras impressas, principalmente panegíricos, poesia jocos-séria, utilizando pseudónimos, mas também compôs uma *Vida de S. João Baptista*. A *Pancarpia* foi publicada quando tinha já 60 anos (como aliás nos elucida), tendo o seu falecimento ocorrido em 1698. A razão do especioso título é dada pelo autor no seu prólogo «A quem ler». Numa composição que se pretendia de grande erudição e onde os habituais protestos de humildade se diluem na exaltação das suas capacidades, António Lopes Cabral justifica a edição dos seus sermões com o desejo de ombrear com o que de melhor faziam, noutros países, alguns reputados pregadores:

As ideas foraõ proprias, & architectadas pelo meu engenho tal, ou qual, porque nestas consiste a novidade do artefacto. Libei como solicita abelha as matérias, para seguir as metaphoras, & revestir os discursos de Padres orthodoxos, & Expositores Latinos, Italianos & Francezes, illustrandolhe o contexto com varias humanidades, que saõ os esmaltes do ouro, inda que de vidro (f. [11v]).

25 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 23231 P. Disponível em <<http://purl.pt/14242>> (última consulta: 2021.10.23).

26 D. B. MACHADO, op. cit., vol. i, p. 309.

Porém, deixa-nos também um testemunho pessoal quando afirma que, por motivos de saúde, deixara o ofício «molestado com os cuidados de Prêgador que nam são pequenos para quem procura honra & vive no seculo» (f. 12]). Os «pobres papeis» que tinha e que classifica de «cousa mà, pelo tedio que tenho às minhas obras» motivaram o interesse «de pessoas doutas, de quem por obediencia devia observar o conselho como ley» (*ibid.*) as quais, como escreve «me persuadiraõ contra minha vontade, que os desse a luz, ou a estampa, para evitar que depois de minha morte, algumas pessoas que costumam meter a maõ na seara alhea, se nam aproveitassem do que me custou o meu estudo» (*ibid.*). No final do Prólogo, quando declara a idade de 60 anos, sugere a aspiração à «gloria eterna» por ter feito «na tragedia deste seculo commodamente o meu papel, como Deus quis» (f. [12v]).

A *Pancarpia* não revela a existência de um eventual mecenato, mas apresenta-se com um aparato gráfico que procurava marcar a diferença em relação a outros sermões que se editavam em compilação. Compreende uma gravura de página inteira, antecedendo o rosto, aberta por Clemente Belingue, que deixou vasta obra gráfica em Portugal. Nela se vê ao centro uma estilização da cruz de Cristo, evocando a pertença do autor, inscrita numa moldura ornamental de inspiração barroca.

O Índice dos sermões segue-se ao Prólogo e nele se apresenta o assunto do sermão com um pequeno resumo. Destacamos pela curiosidade das temáticas o Sermão V, «A Musica», na festa de Santa Cecília, o XII, «A Inundaçaõ», que invoca as «Lagrimas da Madalena» e o XVII, «Os Retratos», consagrado a S. Lucas:

Medico soberano, Pintor peritissimo & Evangelista sacro, em tres discursos. No primeiro se verà como S. Lucas, sendo Medico, se retratou nos seus enfermos a Oleo; no segundo, como sendo Pintor retratou a Maria SS. a Tempera &

no Terceiro, como sendo Evangelista, retratou a Christo a Fresco, para com estes tres retratos adornar os tres Escudos em branco das suas Armas (f. [15]).

Estamos perante um exemplo da construção barroca dos sermões, em que se pretende cativar o público pela novidade na forma de enunciar o assunto do sermão e pela complexa sintaxe e metafórico vocabulário, em detrimento da simplicidade do discurso e da mensagem afetiva e apelativa que pautara as recomendações tridentinas. Lembramos, pela oportunidade, as palavras de João Francisco Marques²⁷ acerca dos excessos estilísticos dos sermões barrocos:

Acusava o discurso parenético a tessitura e os modismos barrocos que imperavam na oratória portuguesa, sempre dificultosos desafios para os oradores menos dotados de qualidades naturais e de tendências auto-críticas. E, se assim acontecia, não se mostravam capazes de evitarem as imitações medíocres de conceitismos rebuscados e empolamentos verbalistas confrangedoramente ocos pelo abuso de uma retórica recorrente ao conceito predicável, usado até à exaustão. Cheios de quiasmos, paralogismos, antíteses, metáforas, alegorias, apólogos e aforismos, os sermões estiolavam-se num barroquismo decadentista e auto-destruidor, tornando a exposição obstrusa e soporativa nos meandros das agudezas pretensiosas.

Um pormenor interessante: António Lopes Cabral viu um dos seus sermões censurado no manuscrito que entregou, pelo que nas Licenças se determina: «Podemse imprimir os Sermoens de que a petição faz menção, menos o que vay riscado, & depois tornaraõ para se conferirem, & se ver se se não imprimio o que vay riscado,

27 J. F. MARQUES, “O púlpito barroco português...”, op. cit., p. 116.

& se dar licença para correrem, & sem ella não correrão» (f. [15v]). No «Pode correr» já não se faz menção da circunstância (*ibid.*).

Padre Rafael Bluteau (1638-1734), CR

Foi, sem dúvida, um dos homens mais notáveis do seu tempo, pelos múltiplos saberes e erudição que estão patentes nas obras que nos legou.²⁸ O Padre Rafael Bluteau era Clérigo Regular Teatino da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, em Lisboa, viajou por vários países, manteve continuada atenção ao que se ia publicando no estrangeiro e ficou conhecido e celebrado pelo *Vocabulario Portuguez e Latino...* (1712-1728, 8 vol.), obra ainda hoje de consulta indispensável e muitas vezes citada, como verdadeira enciclopédia que é. Para além dos contributos literários resultantes da sua participação nas academias, teve atividade nos púlpitos e deixou vários sermões individuais impressos. Da compilação dos sermões que organizou e deu à estampa, escolhemos o 2.º volume, que tem por título *Primicias evangelicas ou sermoens, e panegyricos / do P. D. Rafael Bluteau [...]* e foi publicado em Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes em 1685.²⁹

Do rosto, para além do título e qualificações curriculares do autor, como era prática, consta uma dedicatória sem identificação específica, referindo-se apenas «huma doutissima, poderosissima e virtuosissima princeza». Logo, porém, na f. [2] fica esclarecido o anonimato, quando nos apercebemos que a «princeza» era, nem mais nem menos, do que a biblioteca do Arcebispo e depois Cardeal de Lisboa, D. Luís de Sousa (1630-1702). Trata-se de uma originalidade, sem dúvida, que suscitaria a curiosidade de quem, pela primeira

28 Cf. Pedro CALAFATE, “Rafael Bluteau”, in *Filosofia portuguesa*. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ilu1.html>> (última consulta: 2021.10.24).

29 O 1.º volume fora publicado em Lisboa, 1676, e o 3.º volume seria editado em Paris, 1698. O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 5549 P. Disponível em <<http://purl.pt/13982>> (última consulta: 2021.11.06).

vez e sem aviso, pensasse tratar-se de uma verdadeira princesa e mecenas eventual das *Primicias*. O extenso texto da dedicatória vai até à f. [24v] e constitui um contributo de grande erudição sobre a função do Livro e das Bibliotecas ao longo da História. Nele se vai realçando, naturalmente, a importância da livraria de D. Luís de Sousa, que o Padre Bluteau pudera consultar, como nos indica, ao mesmo tempo que se louvam as qualidades do Arcebispo. Quanto à «princesa», o autor apresenta uma interessante explicação para o atributo que lhe concedera, descrevendo, deste modo, o objeto principal, que era o Livro:

Naõ estranhará o titulo de Princeza, com que meu respeyto vos venera, quem souber que illustre & antiga he a origem dos livros. O saber, he a luz do Entendimento, & esta fecunda luz he a mãy, de que todos os livros são filhos. Nacem os livros como os homens: Primeiramente com idéas confusas se começa a delinear nos borradores, o Embriaõ, que com o calor da imaginação se anima, & com solidas especulaçoens se alimenta, & vai crescendo, distingue o juizo as partes, & com erudita proporção as organiza. Formado pois, & acabado o livro, sahe a luz, tendo por cabeça o frontispicio; por corpo, a materia de que trata, & por alma, a verdade. As regras, são as veas, a tinta, he o sangue, a Imprensa, he o berço, & as folhas são as mantilhas. As noticias, que encerra, são os seus olhos; a doutrina, he o seu leite [...] falla, sabe & ensina, desde a infancia, & ainda que velho, não caduca. Naõ espera, que lhe fação perguntas; responde primeiro que o consultem. Sempre diz o mesmo em todo o tempo & por muito que o importunem, não se molesta; a todos abre igualmente o peito, & he taõ sincero, que nelle se fazem visiveis os pensamentos. (f. [2v])

Na organização e apresentação dos sermões e dos respetivos índices, o Padre Bluteau mostra os seus conhecimentos e engenho. Quanto à matéria predicativa, vemos que também se foca em

questões ligadas ao quotidiano, revelando, assim, a intenção primeira da pregação, que consistia em fixar a atenção do público e, ao mesmo tempo que se ensinava a doutrina, contribuía-se para modelar comportamentos. O «Index dos sermoens [...]» (f. [26]) apresenta cada um de acordo com a circunstância em que foi pregado, fosse na prédica ordinária, como os sermões do Mandato ou os consagrados a determinados santos, fosse na extraordinária, por celebrar momentos específicos. Destacamos, como exemplo, os dois últimos sermões: «XIV No Passo dos Açoutes do Senhor, em que se mostra, que a lingua maledica, he o açoute do Mundo (p. 262)»; «XV No Passo do Ecce Homo, em que se ensina o modo, com que cada hum ha de responder aos seus maldizentes (p. 282)», por ambos focarem o tema da maledicência. De notar que já António Lopes Cabral abordara o mesmo assunto. Seria, ao que parece, um comportamento social frequente em que o pregador devia insistir para o corrigir. Citando, mais uma vez, João Francisco Marques: «Importava que se ensinasse sobretudo o que todo o cristão necessitava conhecer para salvação da alma, explicando em poucas palavras e termos fáceis os vícios a evitar e as virtudes a praticar para se livrarem das penas eternas e alcançarem a felicidade celeste.»³⁰

Continuando a análise dos paratextos, seguem-se no «Index» «As Tardes dos Tardes», que são cinco, todas contra «os que tardaõ», respetivamente, em cumprir promessas, pagar as dívidas, fazer testamento, satisfazer legados de defuntos e fazer penitência. Estamos, inequivocamente, num percurso de admoestação e modelação de comportamentos sociais muito específicos que competia ao pregador abordar e a que o Padre Rafael Bluteau não se furtou, emprestando originalidade, erudição e cultura aos seus textos. Os índices tradicionais em compilações, o das «cousas notaveis» e

30 J. F. MARQUES, “Oratória sacra...”, op. cit., p. 484.

o dos «lugares da Sagrada Escritura», estão compostos segundo o modelo comum. Porém, curiosamente, o índice das « cousas notáveis » inclui também as matérias da « Epistola Dedicatória » atribuindo-lhes, assim, uma invulgar autonomia como parte integrante do sermônário. Nesse índice encontramos, também, diversas chamadas de atenção para práticas erradas e carecidas de correção e ainda curiosas alusões às Letras e Ciências e à sua importância para a felicidade dos povos, pertencendo a Adão, de acordo com o Padre Bluteau, o feito de ser delas « o primeiro inventor » (p. 417).

Considerações finais

Os sermônários barrocos revelam-nos facetas de uma complexa rede de interesses e de atores, quando analisados através dos paratextos. Na organização interna, na disposição do texto na página e no aparato gráfico repetem-se modelos que os impressores seguiam para dar à estampa estes textos, os quais, sendo individuais, se pretendia ganhassem uma forma comum quando editados em conjunto.

Existia, certamente, uma « oferta » de pregadores interessados em registar os seus sermões para a posteridade, de forma mais segura, ainda que fosse maior o trabalho de preparação da obra, dada a existência dos minuciosos índices. Havia igualmente um movimento de « procura » por parte de um vasto público composto por membros do clero regular e secular. Vestígios do uso particular que foi feito de sermões impressos estão visíveis em exemplares que compulsámos. Utilizavam-se, sobretudo, as folhas de guarda para elaborar comentários ou fazer um índice rápido dos conteúdos, como acontece no exemplar dos *Sermões* de Frei João de Ceita que nos serviu neste estudo, mas também, numa forma menos vulgar, podia colar-se esse índice na própria

encadernação, como se verifica no exemplar da *Pancarpia* que aqui analisámos.

Sendo o sermão uma prática corrente no quotidiano religioso e também no social, que ocorria em todo o país, incluindo nos territórios ultramarinos, este equilíbrio entre a oferta e a procura consubstanciava-se num expressivo movimento editorial. O pagamento estava assegurado por mecenas, nomeados (ou não) no rosto e/ou na dedicatória do sermonário, mas também pela organização religiosa a que pertencia o autor, por ele próprio, por um seu confrade ou familiar e, nalguns casos, por livreiros que anteviam a oportunidade comercial. Apostava-se em «valores seguros» fosse porque o autor era pregador de nomeada, fosse porque estava afeto a individualidades civis ou religiosas, ordens, nobreza, instituições. Em suma, procurava-se a garantia de um sucesso na produção e comercialização dos sermões impressos.

Quisemos assinalar nestes casos, todos do século XVII, e ainda nos quinhentistas sermões «de letra morta» de Frei Luís de Granada e nas «colações» de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, as circunstâncias que rodearam a edição, umas expressamente indicadas nos paratextos da obra, outras intuídas através dos Prólogos, das Licenças ou dos Índices.

Aos impressores coube a arte de apresentar os sermões segundo a vontade do autor e/ou daqueles que, em seu nome, se encarregaram da edição. Com maior ou menor aparato, vemos que as compilações seguem um modelo que pode matizar-se conforme o gosto do autor e as eventuais influências trazidas também por sermonários publicados noutros países. A manutenção de um modelo que conhece poucas alterações corresponde, no limite, à linha retórica do próprio sermão e obedece à expectativa do público leitor. O sucesso do sermão pregado e o sucesso do sermão impresso no Antigo Regime não podem dissociar-se do que foi a sua função social. Na oportuna síntese de João Francisco Marques:

Os textos bíblicos, próprios da celebração eucarística, condensavam potencialmente vasta matéria para se escolherem temáticas, motivarem desenvolvimentos, legitimarem hermenêuticas e acomodações aplicáveis às necessidades do auditório, à actualidade de acontecimentos e conjunturas. Constituía assim o sermão, sobretudo, em tempos mais recuados e de generalizada carência de alfabetização, um *mass media* poderoso, de enorme eficácia colectiva. Reflexo de doutrinas, ideologias e mentalidades, torna-se também barómetro e directório da consciência religiosa e da conduta moral dos fiéis. Na cadência ritmada dos ciclos litúrgicos, não escasseavam ao pregador ensejos para insistir em certas exposições analíticas em que a denúncia de vícios e a proposta de virtudes eram pertinentes e podiam ser concretizadas através de referências à vida quotidiana e oportunas admoestações de acordo com a especificidade do auditório.³¹

31 J. F. MARQUES, “O púlpito barroco...”, op. cit., p. 114.

Referências bibliográficas

Fontes

- AMARAL, Francisco do, 1593-1647, SJ, *Primeiro tomo dos Sermoens do P.M. Francisco d'Amaral da Comp.^a de Jesu, R.^{or} do Collegio de Braga, lente q. foy de Prima de Theologia em Lisboa, etc...* Em Braga, por Gonçalo de Basto, 1641.
- BLUTEAU, Rafael, 1638-1734, CR, *Primicias evangelicas ou sermoens, e panegyricos / do P. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor na sagrada Theologia, Prêgador da Magestade da Rainha Mãe de Inglaterra, & Calificador do Santo Officio no Reyno de Portugal. Parte Segunda...* Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, na rua da Figueira, 1685.
- CABRAL, António Lopes, 1634-1698, OM Cristo, *Pancarpia ou capella florida matizada & odorifica, tecida com dezoito Sermões diferentes & Intitulados, guarnecida com flores panegyricas, moraes & metaphoricas, dedicada ao Taumaturgo Lusitano S. Antonio...* Em Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Majestade, 1694.
- CEITA, João de, 1578-1633, OFM PA, *Sermões das festas da Virgem Santissima, e de Christo Senhor Nosso: com oito do Sacramento, & de algüs Santos, & oito de diffuntos...* Em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck Impressor del Rey, 1634.
- GRAÇA, Simão da, 1600-1682, OESA, *Panegyricos em as festas de varios santos: pregados pello P. Presentado Fr. Simão da Graça religioso do Patriarcha S. Augustinho da Congregaçam da Índia Oriental.* Em Lisboa, na officina de Ioam da Costa, 1672.
- LUIS, de Granada, 1504-1588, OP, *Compendio de doctrina christãa recopilado de diuersos autores que desta materia escreuerão, pelo R.P.F. Luys de Granada... Acrescentarãose ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo autor.* Em Lixboa, em casa de Ioannes Blauio de Agripina Colonia, 25 Dabril 1559.
- MÁRTIRES, Bartolomeu dos, 1514-1590, OP, *Catbecismo ou Doutrina christãa & praticas spirituaes ordenado por Dom Frey Bartholameu dos Martyres Arcebispo & senhor de Braga Primas das Espanbas &c....* Em Braga, por Antonio de Maris Impressor do Senhor Arcebispo, 1564.

Bibliografia

- BARBOSA, David Sampaio, “Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582)”: *Lusitania Sacra*, 2.^a S., 23 (2011), pp. 59-76.
- BRAGA, Isabel Drummond, “Entre religião, ciência e política: a parênese seiscentista de Fr. Amador da Conceição”: *Revista Territórios & Fronteiras* 9,1 (jan.-jun. 2016), pp. 131-146.
- CALAFATE, Pedro, “Rafael Bluteau”, in *Filosofia portuguesa*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ilu1.html>.

- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso* (séc. XVIII). Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio, “El taller del predicador: lectura y escritura en el sermón barroco”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 7-26.
- CROIZAT-VIALLET, Jean, “Cómo se escribían los sermones en el Siglo de Oro: apuntamientos en algunas homilias de la Circuncisión de Nuestro Señor”: *Crítico* 84-85 (2002), pp. 101-122.
- DURAN, Maria Renata da Cruz, *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados, 1656-1864*. Niterói, Ed. Universidade Federal Fluminense, 2012.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Espelbos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.
- GENETTE, Gérard, *Paratextos editoriais*. S. Paulo, Ateliê Editorial, 2009.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...* Lisboa Occidental, na officina de António Isidoro da Fonseca, 1741-1759. 4 vol.
- MARQUES, João Francisco, “Oratória sacra ou Parenética”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *Dicionário da História religiosa em Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, vol. IV-Apêndices, pp. 470-510.
- , *A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto, Centro de História da Universidade: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- , *A parenética portuguesa e a Restauração, 1640-1668: a revolta e a mentalidade*. 2.^a ed. Lisboa, IN-CM, 2010.
- , “Pregação”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *História religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. II, pp. 393-417.
- , “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos: a pregação seiscentista do Domingo das Verdades”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 111-148.
- MARTIN-JIMÉNEZ, Alfonso, “La retórica clásica al servicio de la predicación: “Los seis libros de la retórica eclesiástica” de Fray Luis de Granada”, In Isabel PARAÍSO (coord.), *Retóricas y poéticas españolas (siglos XVI-XIX)*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2000, pp. 11-46.
- MENDES, Paula Almeida, *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos e «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto, CITCEM, 2017.
- PALOMO, Federico, “Anaqueles de sacra erudición: libros y lecturas de un pregador en el Portugal de mediados del siglo XVII”: *Lusitania Sacra* 18 (2006), pp. 117-146.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina, “Frei Luís de Granada: sermões para o povo português”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 27-44.

(Página deixada propositadamente em branco)